

Jornal do Festival

EQUIPE

ELI HALFOUN
NELSON MOTTA
HELENA CAMPOS
BELLA STAL
SÔNIA MEINBERG
JOEL MACEDO

Fotógrafos:

JOAQUIM RIBEIRO
DEMÓCRITO BEZERRA
REINALDO SOARES
PAULO REIS



E quem julga os juizes ?

O júri da fase nacional do Festival Internacional da Canção têm recebido as maiores críticas pela escolha de "Sabiá". Estas críticas não contam com o apoio da maioria dos compositores concorrentes, que podem estar achando injusta a vitória de Tom e Chico, mas não acham injusta a colocação de Geraldo Vandré. Há quem diga, por outro lado, que o júri não teve coragem de escolher "Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres". Ora, o júri pode ter errado, mas o que não lhe faltou foi coragem, de enfrentar as 30 mil pessoas que gritavam por Vandré ao eleger a música que a maioria dos jurados achou melhor, embora agora alguns integrantes da comissão julgadora estejam declarando que votaram em Vandré, quando na realidade votaram em outras músicas, como por exemplo "Andança" e o próprio "Sabiá".

O que todo mundo está esquecendo de criticar é o júri prévio do festival, que errou muito mais do que o júri que ganhou uma das maiores vaías da história no Maracanãzinho. Ninguém pode negar que o nível das músicas — com raras exceções — era dos piores. O erro da comissão de seleção — daqui e de São Paulo — é agravado com o próprio resultado: três músicas colocadas na reserva — "Caminhante Noturno", "Na Bôca da Noite" e "Dois Dias" — ficaram entre as dez primeiras colocadas. Não sei qual foi o critério usado pela comissão de seleção para a escolha das músicas, mas duvido muito que a canção de Baden Powell e Vinícius de Moraes, por pior que fosse, seja pior do que "Salmo", "Amada Canta" e tantas outras.

E é exatamente nesse ponto que a TV-Globo — que já não conta com bons intérpretes — precisa se cuidar. O sucesso do Festival da Record está na seleção e é por isso que a Record emplaca sempre dez sucessos. A comissão de lá funciona sem política e com a supervisão dos organizadores do concurso.

Aqui, a direção da Globo não quis dar palpite, evitando assim comentários maldosos dos concorrentes. Não há nada de errado em haver uma supervisão: afinal, o festival não passa de um espetáculo de televisão — e um espetáculo precisa de boas músicas. Não estou dizendo que a direção do FIC ou da emissora tenham que selecionar as músicas. Estou querendo apenas que evitem a política na escolha e que evitem também o mau gosto de alguns dos selecionadores. Sei que o Boni — o homem das camisas supercoloridas — tem bom gosto musical — bom gosto provado com a briga que teve para incluir "Na Bôca da Noite" e "Caminhante Noturno" entre as concorrentes.

Deixei o caso de Minas Gerais para o fim, de propósito. O que aconteceu por lá já deixou de ser mau gosto para transformar-se em ridículo. A música que representou Minas Gerais, "Corpo e Alma", não passava de um bolero e dos piores. Esta música "derrotou" "Vera Cruz" de Milton Nascimento. Não tenho dúvidas em afirmar que se "Vera Cruz" estivesse entre as classificadas seria agora possivelmente, a música vencedora da fase nacional ou, quando menos, uma das três primeiras colocadas. Não entendo também porque a direção do Globo não colocou a música "no peito", como o fez com as outras três da reserva, se bem que a de Milton só conseguiu o quinto lugar em Minas. Ou a direção da Globo abre o olho ou o festival vai acabar afundando com um nível tão baixo, por culpa exclusivamente de uma comissão de seleção que deve ter brincado de escolher música.

Dito isto, só me resta esperar que o público já tenha entendido a música de Tom e Chico. Apesar de não ter votado nela, tenho certeza de que sábado e domingo, no Maracanãzinho, "hei de ouvir cantar mil sabiás".

A glória roubada

No Festival do ano passado, o jovem e talentoso letrista Paulinho Tapajós classificou-se entre os 40 finalistas como parceiro de Artur Verocai. Imediatamente a inveja e o despeito rugiram e começaram a surgir as infâmias de "marmelada", porque o pai de Paulinho — Paulo Tapajós — fazia parte da diretoria do Festival. Os que fizeram a onde (e não foram Tom, nem Edu, nem Chico, nem Vinícius, nem Vandré) se esqueceram do detalhe de que o outro filho de Paulo Tapajós — Maurício — havia concorrido e não tinha sido classificado.

Antes das acusações levianas as pessoas deveriam refletir melhor sobre as conseqüências que isto pode trazer para um jovem

compositor em início de carreira e de sonhos apenas começados.

Veio o Festival deste ano e *Andança* conquistou o terceiro lugar proporcionando muitas plamas a Danilo Caími e Edmundo Souto. No meio do povo, alguém também aplaudia com muita força e ninguém, nem seu próprio pai, sabia que ele estava aplaudindo a seus parceiros e a si mesmo. Com a namoradina ao lado, Paulinho Tapajós contentava-se em, perdido na multidão de aplausos, saber que um têrço daquela beleza era sua.

A ele foi negada a alegria maior, maior que qualquer prêmio ou dinheiro, de receber no palco, ao lado de seus parceiros, a glória merecida, honesta e

justa. Por uma maravilhosa honestidade, Paulinho fez a letra de *Andança* mas, para evitar novas e baixas maledicências, omitiu seu nome para todos. Somente os parceiros, Danilo e Edmundo, sabiam.

Agora é preciso que todos saibam, é preciso que todos se lembrem de que a um moço talentoso foi negado, por mesquinha, o direito de receber os aplausos e as glórias que lhe são de direito. É preciso que todos saibam que, ao aplaudirem *Andança*, estavam também aplaudindo Paulinho Tapajós.

Sobretudo é preciso que as pessoas pensem mais em fazer músicas melhores ao invés de amargurarem e amesquinharem o trabalho dos outros.

Nelson Motta

Júri vota em 20

O júri da fase internacional do III FIC reuniu-se ontem, pela primeira vez, e decidiu que no domingo serão dadas notas às vinte músicas finalistas e não somente às primeiras colocadas. Em caso de empate o presidente do júri poderá votar ou pedir nova votação. Por unanimidade foi também resolvido que os jurados poderão escolher as composições de seu próprio país.

Hoje, os jurados voltarão a se reunir para ouvir os **tapes** das músicas que serão tocadas esta noite, e no sábado de manhã escutarão os **tapes** das músicas que serão executadas à noite. Somente no sábado, ao final do espetáculo, votarão para classificar as 20 músicas que serão executadas no domingo. Por

enquanto ainda não é certo se o computador eletrônico será utilizado na fase internacional do FIC.

JÚRI

Formarão o júri do III FIC, a ser presidido por Harry Warren, compositor americano de 70 anos, autor de **The More I See You**, os seguintes jurados: A. C. Weiland (Alemanha), Jacko Zeller (Argentina), Jaime Atria (Chile), Jorge Arandez (Espanha), Elmer Bernstein (EUA), Paul Mauriat (França), Les Red (Inglaterra), Giampero Boneschi (Itália), Spela Rozin (Iugoslávia), Raul Velasco (México), Cidália Meireles (Portugal), Geo Voumard (Suíça), Helena Vandracková (Tcheco-Eslováquia) e, pelo Brasil, Elis Regina.

Delegações com Negrão

Os membros das 33 delegações que estão participando do III Festival Internacional da Canção foram recebidos, na tarde de ontem, pelo Governador Negrão de Lima, que, acompanhado do Secretário de Turismo Levi Neves, do presidente da Assembléia Legislativa, Deputado José Bonifácio, e do Sr. Augusto Marzagão, diretor-executivo do festival, cumprimentou um a um os artistas e compositores.

Formados em semicírculos, os participantes do III FIC foram apresentados ao governador no "hal" do fundo do Palácio Guanabara. André Salvat, presidente do MIDEN, ofereceu a Negrão de Lima um troféu em forma de disco, "pela promoção extraordinária que o festival realiza da música brasileira no exterior".

COM MARACUJA

Com a chegada dos ônibus especiais que conduziam as delegações do III FIC, o expediente do Palácio Guanabara praticamente foi interrompido e os funcionários desceram para pedir autógrafos aos artistas ou ficaram olhando da janela. Com as roupas mais diversas, do clássico terno azul marinho às camisas e botas coloridas, os artistas estrangeiros espalharam-se pelos jardins do Guanabara e munidos de câmaras começaram a fotografar as araras e papagaios dos viveiros. O finlandês Danny, vestido com o traje que se apresentou no Maracanã na semana passada, chamou atenção, assim como o sueco Conny, do conjunto Con's Combo, que se apresentou de calças listradas brancas e vermelhas, camisa de estampado berrante, lenço ao pescoço e tamanco de xadrez preto e branco. Enquanto Françoise Hardy ficou num cantinho com o cantor Antoine, a loura tcheca Helena Vandracková, integrante do júri, a iugoslava Spela Rozin, também jurada, e a peruana Patrícia Aspillaga foram as que mais impressionaram os presentes por sua beleza. O Governador Negrão de Lima mandou servir suco de maracujá com biscoito *champgne* aos seus convidados e o inglês Patrick Campbell-Lyons gostou tanto do refrêco que até quis levar o copo para casa, de lembrança.



Artistas em Palácio.

Iugoslavos contra influência

Dizendo que "o ritmo da música latina sai do coração e o da Iugoslávia sai da cabeça", o compositor Bojan Adamic, que pela segunda vez concorre no Rio, afirmou que mudou seu estilo não por ter sido influenciado pelo Festival do ano passado, mas sim por ter evoluído. Sua música deste ano, "Adriana", tem como letrista o cantor Arsen Dedic, que a interpretará.

Trata-se de uma balada com o ritmo de calipso. "Minhas composições, por mais modernas que sejam, têm sempre raízes folclóricas", diz Adamic, e observou que "os compositores brasileiros, em vez de sofrerem influências estrangeiras, deviam se concentrar mais na música brasileira".

Achou as músicas do

Festival deste ano mais elaboradas. Perguntou porque Milton Nascimento, Luís Bonfá e Luís Eça não concorreram este ano. Depois de ter ouvido a explicação, lamentou muito, apesar de não ter entendido direito a desclassificação de Milton Nascimento.

Arsen Dedic começou sua carreira compondo e só mais tarde dedicou-se ao canto. Arsen não acredita que com sua poesia possa mudar qualquer situação existente e, por isso, ao protesto violento, prefere falar de amor. Sua canção de mais sucesso — "Eu canto só para passar o tempo" — confirma a sua teoria.

Arsen nasceu na costa do mar Adriático e para homenagear sua terra natal chamou de "Adriana" a sua canção.

Amor de brasileira cura doença tcheca

Desembarcou no Galeão, ontem, a delegação da Tcheco-Eslováquia, última a chegar para o Festival. Karel Gott (interprete), Karel Svoboda (autor da música) e Helena Vandrkowska (membro do júri) compõem a delegação que traz a composição "Lady Carnaval", com letra de Jiri Staidl.

Recusando-se a comentar a situação política de seu país, Karel Gott explicou que "Lady Carnaval" é uma música tragi-romântica, que conta a história de um homem sofrendo — física e psicologicamente — que um dia encontra a cura de suas doenças no amor de uma brasileira, conhecida por "Lady Carnaval".

O compositor Svoboda, xará do líder tcheco, informou que "esse nome é muito comum na Tcheco-Eslováquia e significa liberdade".

Show

Mariá, que recebeu o prêmio de revelação feminina do III FIC na parte nacional, abrirá o show a ser apresentado hoje, nos intervalos, interpretando *Primavera*. O programa, organizado especialmente para mostrar a música brasileira às delegações estrangeiras, incluirá ainda *Lamento do Capoeira*, classificada em 2.º lugar no Festival Estudantil de Música Popular, Terra Seca, cantada por Angela Maria, *Meu Tamborim*, premiada com o 3.º lugar no Festival Universitário de Música Popular a ser interpretada por Beth Carvalho.

Milton Nascimento cantará *Travessia*, com a qual tirou o segundo lugar na parte nacional do Festival do ano passado e Vera Cruz, música inscrita este ano e desclassificada.

● Dina Shore e Michel Dumond não assistiram até o final à "avant-première" de "Star", filme de Robert Wise, exibido em homenagem ao festival. Aliás, ao final da projeção, que durou duas horas e quarenta minutos, só trinta por cento da plateia permaneceu no cinema Palácio.

● A grande surpresa da noite, foi a presença da atriz Giulietta Masina, mulher de Fellini, que apareceu, sem que ninguém esperasse.

● Quem continua circulando é o Sérgio Ricardo. E não se cansa de dar a sua sugestão para que se faça um júri popular para atuar em festivais, na base de um operário, um funcionário público etc. Tem gente que vai mais além. Acha que o melhor júri é o do Chacrinha: Geraldo Vandré iria para a boca do palco e o locutor perguntava à plateia: — é esse? E o Vandré iria para o trono até que aparecesse outro melhor...

Bastidores

● Telegrama recebido ontem por Cinara e Cibele, de Veneza: "Sabíá, Sabíá ... Chico Buarque".

● Correu um boato forte, durante a tarde de ontem, de que "fontes oficiais" teriam recomendado às emissoras de rádio e televisão a não divulgação da música de Vandré, que seria examinada em sua "periculosidade política" após o Festival.

● A cantora espanhola Salomé é apaixonada por bossa nova e na sua última viagem ao México comprou mais de 300 LPs brasileiros e pagou mais de 400 dólares de excesso de bagagem. A paixão saiu caro...

● O compositor Karel Svoboda, tcheco, afirmou que não é parente do Presidente Svoboda mas identifica-se muito com o seu pensamento. Perdendo aos repórteres que não fizessem mais per-

guntas sobre política, resumiu suas opiniões dizendo que "a única arma de uma pequena nação é se manter em ordem e ignorar a presença estranha. Estranhos armados não têm nada que fazer em nossa terra". Quanto às tendências musicais de seu país, declarou que a juventude prefere o gênero beat, lançado pelos ingleses.

● Os maestros estrangeiros estão revoltados com as declarações do grego Lavranos sobre os músicos brasileiros. André Borly, que vai reger para os cantores de Mônaco e Andorra, ontem, no ensaio do Maracanzinho, desagravou a orquestra do FIC afirmando que poderia arriscar e dizer que ela era melhor que a da Eurovision. E para reforçar seu depoimento, demonstrou que dos 35 maestros presentes, só um havia reclamado até agora.

